

OPRESSÃO E LIBERDADE NAS OBRAS DE PAULO FREIRE E SIMONE DE BEAUVOIR

Luiz Eduardo Braga de Carvalho  0000-0001-5833-4079

Dra. Eliane Brunetto Pertile  0000-0002-7301-6121

Instituto Federal do Paraná

RESUMO: Este trabalho apresenta os resultados de um estudo que se dedicou às ideias de Paulo Freire e Simone de Beauvoir. Teve como objetivos compreender as perspectivas dos autores; analisar como se aproximam ao denunciar a opressão; e verificar métodos de superação propostos na busca pela liberdade. A metodologia contemplou pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, na qual realizou-se a análise de conteúdo, que proporcionou condições para o entendimento da relação dialética entre as ideias e a realidade social. Os conceitos de “opressão” e “liberdade” foram elencados enquanto categorias de análise. Indagou-se: é possível traçar uma linha de raciocínio comum em relação à compreensão sobre a opressão? Torna-se viável construir uma forma de, a partir da educação e da formação nessa sociedade, alcançar a liberdade? As análises empreendidas indicaram que, ambos os autores, reconhecem a opressão, seja de classe ou de gênero, como um mal intrínseco a essa sociedade e apontam a necessária formação da consciência como condição para o alcance da liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo; Educação; Consciência.

OPPRESSION AND FREEDOM IN THE WORKS OF PAULO FREIRE AND SIMONE DE BEAUVOIR

ABSTRACT: This work presents the results of a study that was dedicated to the ideas of Paulo Freire and Simone de Beauvoir. Aimed to understand the perspectives from authors; analyze how they approach when denouncing the condition of oppression; and verifying proposed methods of adapting the search for freedom. The methodology included qualitative bibliographic research, in which the content analysis was carried out, which provided conditions for the understanding and the dialectical relationship between their ideas and social reality. The concepts of "oppression" and "freedom" were listed as categories of analysis. Asked: is it possible to trace a common line of reasoning regarding understanding of oppression? Is it possible to build a way, from education and training in this society, to achieve freedom? The analyzes undertaken indicated that both authors recognize oppression, whether class or gender, as an intrinsic evil of this society and point to the necessary formation of conscience as a condition for achieving freedom.

KEYWORDS: Feminism; Education; Conscience.



1 INTRODUÇÃO

Ao pensar em relações humanas, tanto os aspectos mais amplos (relações políticas e sociais) quanto as dinâmicas afetivas e intersubjetivas, nota-se que são pautadas em formas de dominância e poder. Os estudos de Simone de Beauvoir (1949a, 1949b) e Paulo Freire (1998) se destacam ao abordar essa realidade e debater sobre opressão, assim, esse conceito é comum aos autores que nos incentivam a refletir sobre os determinantes e as possíveis soluções, com o propósito de liberdade, para um mal tão intrínseco à sociedade.

Desse modo, este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa que se dedicou aos conceitos de opressão e liberdade que permeiam as obras de Paulo Freire (1998) e Simone de Beauvoir (1949a, 1949b). Para tanto, teve como objetivos: compreender as perspectivas desses autores; analisar como essas se alinham em assuntos comuns para suas áreas de estudo ao denunciar a opressão; e verificar métodos de superação propostos frente a busca pela liberdade.

A metodologia contemplou uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa (TRIVIÑOS, 1987, 122-123), na qual foram priorizadas as principais obras desses autores, como “O Segundo Sexo” (BEAUVOIR, 1949a, 1949b) e “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1998).

Realizou-se a análise de conteúdo, método que possibilita o estudo das motivações, tendências e proporciona condições para “desvendar” ideologias que possam acompanhar tanto a realidade de produção das obras dos autores quanto o próprio entendimento desses considerando a relação dialética entre as ideias e a realidade social (TRIVIÑOS, 1987).

Assim, buscou-se as “sínteses coincidentes e divergentes de ideias” considerando o “conteúdo latente” (TRIVIÑOS, 1987, p. 161) que as teorias desses autores possuem, os conflitos dos momentos históricos de suas elaborações e o significado atual. Nesse processo os conceitos de “opressão” e “liberdade” foram



elencados enquanto categorias de análise e, por meio dessas, indagou-se: é possível traçar uma linha de raciocínio comum em relação à compreensão dos autores sobre a opressão? Torna-se viável construir uma forma de, a partir da educação e da formação nessa sociedade, alcançar liberdade?

Pode-se supor que, apesar de não estarem inseridos nos mesmos círculos, ou seja, não exercerem influência nas mesmas áreas (ele na área da educação/pedagogia, ela um expoente do feminismo ocidental), as ideias desses autores, em certos pontos, se aproximam. Permitem a constatação de que tanto na pauta da educação quanto na desigualdade de gênero há relações de opressão e submissão, construídas dentro de uma sociedade que teria possibilidades, em termos de desenvolvimento humano e de domínio do homem sobre a natureza, de ser igualitária e “humana”, nos mostrando que o preconceito é, possivelmente, precursor e consequência de muito males.

2 OS AUTORES: VIDA E PRINCIPAIS IDEIAS

Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir ou simplesmente Simone de Beauvoir, nascida em 09 de janeiro de 1908, foi filósofa, professora e escritora, um expoente do existencialismo francês e grande nome do feminismo ocidental. Teve, dentro dessa área, como magnum opus, seu livro “O Segundo Sexo” (1949a, 1949b), no qual debateu, dentre outras ideias, o papel da mulher dentro da estrutura e do corpo social e, nesta realidade, as circunstâncias pelas quais é oprimida.

Escreveu diversos livros, artigos e ensaios discorrendo sobre sua vida, a condição da mulher na sociedade, e a opressão masculina em relação ao sexo feminino, debatendo a divisão da sociedade em “machos” e “fêmeas” e suas respectivas representações e papéis, como exemplo “O Sangue dos Outros” (1945), “Os Mandarins” (1954), “A Velhice” (1970), entre outras obras.



Filha de uma família de classe média-alta teve, ao lado de sua irmã, toda sua educação supervisionada pela mãe. Desta maneira, sua formação foi esmerada e rígida. Conheceu Jean-Paul Sartre (1905-1980) que se tornou seu companheiro em vários prismas de sua vida. Beauvoir se constituiu em um dos principais nomes do existencialismo, tornando-se uma grande referência da filosofia moderna.

Faleceu em 1986, depois de publicar sua última obra “La Cérémonie des Adieux” (1981) na qual descreveu os últimos anos de Sartre, e fez uma reflexão sobre a vida e a morte, podendo assim ser considerada uma despedida. Depois disso, contraiu uma pneumonia e faleceu, deixando uma extensa produção dentro de sua área de atuação.

Paulo Reglus Neves Freire, nascido em Recife, em 19 de setembro de 1921, foi educador, pedagogo, filósofo e é patrono da educação brasileira. Paulo Freire, como é mais comumente conhecido, é um dos expoentes brasileiros do século XX, e um dos escritores na área da pedagogia mais reconhecidos mundialmente.

Por sua mãe lhe foram dadas as primeiras noções de escrita e números, com base na vida doméstica, inspirando-o a uma das grandes lutas que travou: a educação como um método de libertação, sendo necessária a todos, independentemente de idade, sexo, classe social ou cor.

Freire faleceu em 1997 na cidade de São Paulo em decorrência de um ataque cardíaco e deixou para a posteridade um grande legado de obras que discorrem sobre temas como educação, opressão e liberdade, entre outros.

Em suas obras, Freire defendeu a educação como um ato criador de consciência, dando ao indivíduo a capacidade de desenvolver um raciocínio crítico a respeito da realidade que o cerca. Dentre tais obras podemos citar: *Pedagogia do Oprimido* (1998), *Pedagogia da Esperança* (1992), *Cartas a Guiné* (1978), *Pedagogia da Autonomia* (1996), entre outras obras.



O contexto histórico da produção de Freire é constitutivo de seu pensamento, assim, o movimento de resistência, luta e oposição ao regime militar ditatorial, instaurado em 1964, perpassou a vida desse educador e é expresso em sua posição frente a realidade educacional brasileira.

Nesse sentido, o mesmo evento histórico que oprimiu o autor, o conduziu a ser reconhecido internacionalmente. Exilado, teve suas obras divulgadas em outros países e sua atuação política direcionada à constituição de propostas educacionais de outras nações

3 SUBJUGAR É OPRIMIR, OPRIMIR É PERPETUAR

O termo “opressão” vem do latim, *Opressios*, que significa exercer força, impor vontade. Desta maneira, oprimir é subjugar, seja por meio da força física, moral ou intelectual. Oprimir, a partir dessa ideia, é conduzir por caminhos que não seriam escolhidos de livre e espontânea vontade.

No exercício de analisar a possibilidade de haver uma relação entre a compreensão que Paulo Freire (1998) e Simone de Beauvoir (2016) divulgam sobre o conceito de opressão, constata-se pontos de aproximação e elementos que são específicos em cada autor.

Ambos são expressivos ao denunciar a existência da opressão como parte do que está posto na sociedade, ela no âmbito das questões de gênero, ele na área educacional. Simone de Beauvoir (2016) explica que opressão é a incapacidade gerada por um dominador sobre o dominado, relação em que aquele impede esse de viver de acordo com sua vontade, de se lançar à vida na ideia existencialista, seguindo sua própria natureza.

Um tema que é reiteradamente abordado por Beauvoir (2016) é o machismo, como comportamento opressor em relação às possibilidades de alteridade



feminina. Sobre as restrições sofridas pela mulher, está o que é esperado dessa na sociedade. Beauvoir (2016) diz que:

[...] em troca de sua liberdade, presentearam-na com os tesouros falazes de sua 'feminilidade'. Balzac descreveu muito bem essa manobra quando aconselhou ao homem que a tratasse como escrava, persuadindo-a de que é rainha [...] (BEAUVOIR, 2016, p. 287).

A autora permite entender as ideias fundacionais dessa questão presentes também em outros prismas da sociedade, ou seja, há uma opressão institucionalizada e histórica que desestrutura o ser e passa a abordá-lo de maneira capacitista.

De acordo com Beauvoir (2016), a mulher, este feminino latente, tem três questões básicas e fundamentais nas quais a “fêmea” se pauta para desempenhar seu papel, quais sejam: como este feminino vai suprir as necessidades de um macho dominante?; como essa vai reagir frente a estímulos externos para, a partir deles, provar o seu valor e sua função social obtendo uma aprovação masculina de suas ações?; como, historicamente, a mulher tem menos espaço, tanto em âmbitos políticos quanto sociais tendo sempre de passar por uma aprovação masculina? (BEAUVOIR, 2016).

Essas indagações revelam a opressão feminina na sociedade vigente, definindo o comportamento esperado para que tudo se manifeste de maneira "harmoniosa". Nesse pensamento o “macho” é o princípio ativo, provedor e protetor e a fêmea se veste da fragilidade e da inconstância, de forma que os sentimentos vão reinar e ditar os rumos de suas ações.

Nesse sentido, a subjugação feminina é validada pela postura machista que se expressa em diferentes níveis, ao que se pode comparar a uma piscina com declive variado, onde estamos todos inseridos, diferenciados apenas pela profundidade em que nos encontramos, alguns com água nos pés, outros se afogando (D'ÁVILA, 2019).



A opressão para Freire, aproxima-se do conceito presente no pensamento de Beauvoir (1949), pois o autor considera que é um ato desumanizante, que inclui no processo o próprio oprimido. Este perde sua característica como sujeito e passa a ser considerado como um objeto. Nesse sentido, “considera-se incapaz e improdutivo, desprezando-se a si mesmo, tal desprezo é provocado pela credibilidade que dá à opinião que o opressor faz dele” (FREIRE, 1998, p. 54).

Freire (1998) ainda defende a ideia de que a opressão se dá pela ação de todo aquele que através de poder ou influência em defesa de um ideal individual, espaço social ou status, desumaniza os demais para assim continuar perpetuando a situação de comando. Na busca por manter inabalada a condição da opressão, são estabelecidos níveis hierarquizados dentre os próprios oprimidos, nos quais elenca-se grupos “privilegiados” que vão se inserir indiretamente no poder, porém ainda serão submissos às velhas guardas.

Utilizando a ideia da cultura do silêncio, presente na obra “Pedagogia do Oprimido”, Freire (1998) possibilita compreender que o conceito do opressor é construído de forma que, ao invés de gerar revolta ou repulsa àquela figura torna-se um parâmetro de comparação, pelo qual se inveja a posição de poder. Simone de Beauvoir complementa esse entendimento, afirmando que a partir de uma visão ampla da sociedade e das bases que a fundamentam, podemos observar que o opressor, como um status, como uma fonte de poder e de influência, poderia não ser tão ativo se não tivesse seguidores no seu próprio público, os oprimidos (BEAUVOIR, 2016).

Freire percebe na experiência existencial dos oprimidos, uma “irresistível atração pelo opressor” (1998, p. 48) como modelos a serem seguidos, já que seus padrões de vida são, de certo modo, mais elevados devido a posição de dominância. Nesse sentido, usufruir dessa condição social constitui uma aspiração.



Na posição de submissão, os oprimidos querem e desejam parecer com o opressor, o que colabora para a perpetuação da situação vigente, reafirmando posições por meio do que o autor define como “cultura do silêncio” (FREIRE, 1998).

Quando debatemos essa ideia de cúmplices e hierarquização da opressão para compreendermos melhor este conceito, basta lembrar de acontecimentos que ocorreram no Brasil entre os séculos XVI e XIX, espaço de tempo em que grandes latifúndios de cana de açúcar moviam a economia colonial, período em que a escravidão figurava a força de trabalho em várias nações das Américas (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Dados históricos nos revelam que haviam figuras como o “capitão do mato” e o “jagunço” que eram responsáveis pela captura de negros fugitivos e pela repressão dos demais escravizados dentro dos latifúndios, que mesmo sendo eles próprios escravos, eram instrumentos de repressão e manutenção de um sistema.

Nesse sentido, ao pensar na educação e nos processos que a envolvem, Freire explica que quando essa não tem em si um caráter libertador, opera a reprodução da consciência e a manutenção dos interesses do opressor (FREIRE, 1998). Portanto, a dominação se institui a partir de uma relação de classes na qual uns são detentores de poder, dinheiro e prestígio e outros possuem somente sua mão de obra e acabam se subjugando. Essa condição decorre das relações materiais e repercute numa compreensão deturpada sobre si mesmo.

A partir destes conceitos (opressão e liberdade), que aqui são tratados como categorias de análise, destacam-se as ideias propostas nos trabalhos da professora e filósofa Simone de Beauvoir, principalmente em seu livro “O Segundo Sexo” (2016), no qual encontra-se uma das grandes máximas de seu trabalho, a qual o papel do opressor é potencializado por “cúmplices” que facilitam e possibilitam a sua ação (BEAUVOIR, 2016).

Beauvoir (2016) centraliza a discussão nas questões existencialistas do movimento feminista debatendo em suas obras a identidade de gênero, a relação



entre masculino e feminino. Desta forma Beauvoir desenvolve seus estudos sobre a questão da opressão compreendendo que, para manter a mulher submissa, o homem a descaracteriza como ser e a elenca como “fêmea” de uma espécie, que vem com papéis físicos e biológicos atrelados em sua existência. Retira-lhe assim o desejo e a vontade emancipatória, dando o princípio humano apenas ao masculino que seria o expansivo, e deixando à mulher um papel fixo de conduta moral específica. Quando se escapa dessa “imposição”, compreende-se que essa se desconstrói e passa a “imitar” a identidade masculina se tornando assim um bicho. De acordo com a autora:

Praticamente, assim como para os antigos havia uma vertical absoluta à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o tipo masculino. A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. ‘A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades’, diz Aristóteles. ‘Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural’. (...) A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo (BEAUVOIR, 2016, p. 12).

Oprime-se a mulher para garantir a manutenção de uma situação vigente de dominância, na qual o homem (como conceito) é um pilar central e tem a sua volta peças secundárias que lhe prestam vassalagem, sendo a ele de toda fidelidade, mantendo a ideia de que são incapazes de desenvolver uma vida fora daquela estrutura, na qual são inteiramente dependentes.

Constata-se, portanto, que apesar de Paulo Freire e Simone de Beauvoir desenvolverem suas ideias em campos diferentes, há um fio de ligação perceptível quando analisamos os seus trabalhos que discorrem sobre opressão. Mesmo não sendo aplicados nos mesmos meios, as ideias de opressão convergem em vários



pontos entendendo que para a existência desta é necessário que alguém, seja representando um gênero ou uma classe social, descaracterize outro, agindo para que haja relações de dominância. Engels (1984) explica que

o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros (ENGELS, 1984, p. 70-71).

Desta maneira, o conceito de opressão em ambos os autores está relacionado àquilo que retira do oprimido suas ideias, o reduz a mera sombra, que o faz de tal maneira inebriado em um vazio existencial que é impedido de tomar consciência da situação sufocante na qual se encontra. Ademais, a opressão feminina antecede a opressão proletária (BEAUVOIR, 1949a, 1949b), mas não há como negar que atualmente distinguem-se significativamente as condições das mulheres de classes diferentes. A mulher trabalhadora enfrenta um duplo desafio: além da condição de gênero que perpassa períodos históricos, estão os obstáculos presentes na materialidade da vida da mulher trabalhadora.

4 DO QUE SE FAZ A LIBERDADE?

Quando conversamos a respeito de liberdade devemos novamente nos atentar a etimologia da palavra, já que muitas vezes esses conceitos nos permitem compreender o sentido que elas assumem pelo seu significado e origem. Vinda do grego, *eleutheria*, que em sua origem caracterizava aquele que não tem restrição de movimentos, aquele que é independente, depois no latim moderno tem como raiz a palavra *libertas*, que significa aquele que é independente.



Desta maneira, pensar liberdade como uma característica de um ser que está livre é pensar em toda uma questão político/filosófica que leva a reflexões sobre o que é estar livre e o que caracteriza o estado de liberdade.

Para Paulo Freire (1998), a liberdade é mostrada como um horizonte a ser alcançado coletivamente por meio da educação, que deve auxiliar no processo de libertação. Assim, constituindo um indivíduo que está livre de qualquer amarra social e disposto a libertar outras pessoas.

Essa compreensão sobre a liberdade nos remete a um pensamento clássico da filosofia grega que é o mito da caverna construído por Platão (TRABATTONI, 2010). Nessa alegoria, um indivíduo que está inerte e estranha a situação em que se encontra, parte para o processo de transformação através do conhecimento. Este causa uma espécie de “dor” e “fadiga”, porém, ao fim do processo, gera uma experiência que o permite voltar aos seus antigos pares, auxiliando para que o processo seja menos doloroso e gere uma liberdade frente aquela situação.

Freire defendeu a ideia de liberdade ao longo de suas obras como sendo a criação da consciência da situação pela qual o sujeito pode buscar entender a sua real posição no mundo a partir de uma reflexão ampla da realidade. Dessa maneira, entender o caminho para essa tomada de consciência é de extrema importância, requer compreensão da realidade, embasada no esclarecimento dessa. Assim, a liberdade nas obras de Paulo Freire tem uma perspectiva bem definida de raciocínio e está intrinsecamente alinhada à ação libertadora da educação, na qual o processo educacional, seja formal ou informal, é entendido como uma alternativa para se libertar. Pode-se mencionar o papel da educação a partir da explicação sobre o pensamento de Rousseau:

Na realidade, a preocupação maior era com a formação e a preparação desse indivíduo para conviver em sociedade, sem abrir mão das suas necessidades vitais e éticas. Aos mestres restaria o aprendizado com as necessidades da criança. Restaria o abandono das imposições, sem,



contudo, deixar que a criança se transforme em um tirano, sem medidas e sem limites (VASCONCELOS *et al.*, 2018, p. 222).

Ou seja, a educação é, ao mesmo tempo, uma forma de humanização e de enfrentamento para uma população oprimida encontrar a possibilidade de liberdade através de um processo que valida sua posição no mundo, que leva à compreensão do seu papel social e político.

Beauvoir (2016), por sua vez, indica a relevância da liberdade em sua possibilidade de poder ser, ao fato de existir de maneira ativa, dando à existência o caráter de um fato e esse permite ser livre quando respeitado ou defendido.

Assim podemos ter uma ideia do que para Simone de Beauvoir (2016) é a liberdade, que pode ser definida como parte de um processo de autoconstrução de uma imagem. Esta é uma descoberta interna, sendo um dos quesitos para ser livre, é preciso a instituição do ser, e “para ser”, se faz necessário entender o mundo a sua volta e se desvencilhar de amarras que te impedem do acesso a esse entendimento.

Partindo dessa ideia de libertação que se dá através da compreensão dos papéis sociais e da possibilidade de se desvencilhar de definições impostas, temos a pedra que fundamenta o pensamento de Beauvoir. Esta nos diz que a libertação do indivíduo se dá à medida que esse se lança ao mundo a partir de uma vontade de poder ser aquilo que se quer ser, seguir uma espontaneidade original, que não segue crivos sociais ou moldes. Ser livre para Beauvoir é existir como ser crítico, retirando da sociedade a ideia de mimetização dos indivíduos.

Assim podemos ter uma ideia do que para Simone de Beauvoir (2016) é a liberdade, que pode ser definida como parte de um processo de autoconstrução de da própria imagem. É uma descoberta interna, sendo que uma das condições para ser livre é entender o mundo a sua volta e se desvencilhar de amarras que impedem o acesso a esse entendimento.



A base organizadora do trabalho de Beauvoir aproxima-se do fio condutor das ideias da pedagogia freireana: o compromisso de mostrar ao sujeito a sua realidade, seu papel no mundo. Freire defende o reconhecimento da estrutura social vigente, indica a necessidade do entendimento da realidade para não reproduzir as relações de opressão. Beauvoir, por sua vez, busca construir um conhecimento que permita que as pessoas se reconectem com a sua “verdade” e “força interior”, ressignificando seu papel para, a partir desse sentimento único, se libertar, o que é pleno direito humano.

5 A CONSTITUIÇÃO DA CONSCIÊNCIA E O PROCESSO DE LIBERTAÇÃO

A busca pela libertação exige a contestação de fundamentos antigos, enraizados e engessados de nossa sociedade, depende da redefinição da subjetividade humana em si e da reorganização do homem para si, enquanto ser coletivo.

Vale constar que desde os primórdios de nossa espécie, nossa maior força esteve no grupo. Nesse sentido, podemos falar da classe trabalhadora do século XX aos grupos de habitação humana da idade do bronze. Todas as mudanças significativas no meio de vida do homem, enquanto espécie, foram feitas em grupos, que criaram a posição humana no mundo (LEONTIEV, 1978) e permitiram a constituição das subjetividades.

A condição humana decorre, portanto, da vida em sociedade. Por ser político e racional, o homem precisa viver coletivamente, se agrupar e se organizar para concretizar sua segunda natureza, sua essência e suas vontades. Portanto, o coletivo é produto e produtor da humanização.

As relações coletivas trouxeram inúmeros benefícios para o ser humano, porém sob determinadas formas históricas, ocasionaram uma quantidade



significativa de restrições, de modo que, algumas vezes, podem chegar até mesmo a limitar a constituição da individualidade e a própria liberdade humana. Nesse sentido, encontra-se em Simone de Beauvoir (2016) e Paulo Freire (1998) críticas a respeito das diferentes liberdades e pseudo-liberdades que estão em movimento em nossa realidade.

No transcorrer histórico da sociedade, se constituem, para estruturar e organizar algumas espécies de papéis, posições que dividem a população em diferentes níveis de importância. A contestação dessas posições sociais somente é possível a partir de sua percepção e da tomada de consciência. Podemos, portanto, entender o homem como um ser que não se reduz ao aspecto biológico, se configura como um ser social, que difere dos demais devido à ação coletiva e a constituição da consciência.

Somos seres que criaram, ao longo de sua evolução, pensamento sistêmico, raciocínio lógico, capacidade de abstração e de conceituação, que nos diferenciam dos demais. A formação da consciência é de tal maneira marcante na vida do sujeito que, a partir do momento que se obtém determinada condição de compreensão, somos incapazes de regredir a uma situação anterior, que dificulte novamente aquela forma de existência.

Trata-se de uma tomada de consciência que provoca a superação da alienação em relação à realidade. Assim, o processo de libertação, comparado a um “parto doloroso” (FREIRE, 1998), muitas vezes, é desconfortável, complexo e leva a contestar as bases de muitas relações hegemônicas.

Freire ressalta a necessidade de compreender o mundo para ver onde estão as contradições, trazendo à luz situações obscuras para evidenciar as raízes dos problemas e nisso há grande contribuição do processo educacional. A pedagogia libertadora propõe um processo de reconstrução do entendimento, possibilitando ao sujeito que está inserido em um ciclo vicioso de opressão entender seu contexto e se tornar consciente de que:



A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. Súplica de humildes a poderosos. E se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo. [...] lutando pela restauração de sua humanidade estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira (FREIRE, 1998, p. 31).

Assim, a educação proporciona o diferencial entre um ser que sobrevive e outro que passa a viver e lutar para a libertação. Oportuniza a libertação do oprimido e, por consequência, do próprio opressor. Portanto, o conflito que envolve a formação da consciência é uma dor emancipatória e condição para a tarefa histórica dos homens de transformar a realidade opressora (FREIRE, 1998).

Beauvoir explica que o sujeito pode chegar à condição de “liberdade” ao transcender a imposição de papéis institucionais. O projeto de ser livre, ao sofrer a limitação da lógica dominante assume formas de frustração ou de opressão. A liberdade de fato deve revelar o ser, possibilitando sua passagem à existência. Desta maneira, é necessário, primeiramente, identificar o que é esperado que seja e, diante da impossibilidade de sê-lo, empreender a busca pela liberdade que está numa projeção que confirma a própria existência (BEAUVOIR, 1947). Então, essa busca de “ser” causa uma espécie de dor existencial que não pode ser explicada, pois não é compreendida nem curada, transcende a vivência contestando o processo subjetivo de mimetização social, que por si só se perpetua como um grande ciclo.

A ideia de potência do querer ser e de libertar o indivíduo para que ele se torne diferente e modifique sua realidade são comuns nos autores aqui estudados, seja através da educação, como diz Freire, ou através do trabalho e do poder de ação do feminino, como expressa Beauvoir. Nota-se, portanto, que o combate à opressão e busca pela liberdade apresentam aspectos comuns entre o que ambos propõem, destacando-se a busca pela constituição da consciência e a dor desse processo.



A relação dialética entre a totalidade das relações estabelecidas no contexto social e as especificidades que envolvem cada grupo social permite compreender que os pensamentos desses autores não são opositivos entre si, apresentam conexão enquanto representações do que se define por opressão e dos fundamentos para a luta pela liberdade. Libertar o povo pobre de sua condição de alienação inclui a liberdade feminina. Assim como, não será possível que a mulher seja verdadeiramente liberta enquanto houver opressão social. Em ambos os enfoques, não excludentes, mas complementares, a tomada de consciência é condição indispensável.

6 CONCLUSÃO

Ao analisar as ideias, conceitos e pensamentos de autores que se constituíram em pensadores históricos tão importantes e excepcionais na coerência de suas ideias, devemos dar nota da força motriz que impulsiona o pensamento de ambos: essa vontade de transformar, de causar uma mudança radical nos pilares que fundamentam a sociedade vigente.

A almejada liberdade é possibilitada pelo processo de compreensão da realidade. Os autores têm, em suas análises, um propósito quase socrático de gerar nas pessoas um ideal de liberdade e, quando se dá à luz ao novo ser, esse não está liberto, mas está banhado de uma nova possibilidade. É, portanto, um ato de rebeldia e de enfrentamento, seja do(a) feminista, educador(a), jovem ou adulto(a).

A educação é condição para que a opressão seja vencida, por meio dela a população, ou cada grupo que a constitui, tem os rumos para a emancipação tanto de suas consciências quanto de suas vidas. O opressor, nessa perspectiva, perde a capacidade de se impor pelo reconhecimento da falácia de que sua condição está relacionada a um bem maior, o que interrompe a manutenção do seu status.



Assim se quebra a admiração da imagem desse e o torna, não mais uma meta, mas um arquétipo a ser revisto e desconstruído.

Assim, ambos os autores deixaram em seus legados a possibilidade de plantar sementes nas novas gerações, trazendo luz às pessoas para que possam debater, e superar posições opressivas, para que a liberdade seja não somente um sonho, mas parte de nossas próprias substâncias.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. Pyrrhus et Cinéas. *In*: BEAUVOIR, S. de. **Pour une morale de l'ambiguïté**. Paris: Gallimard, 1947, p. 42-3.

BEAUVOIR, S. de. **Les Mandarins**. Paris: Gallimard, 1954.

BEAUVOIR, S. de. **La Vieillesse**. Paris: Gallimard, 1970.

BEAUVOIR, S. de. **La Cérémonie des adieux**. Paris: Gallimard, 1981.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. 3. ed. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, S. de. **Le Deuxième Sexe**, vol 1 Les faits et les mythes. Paris: Gallimard, 1949a.

BEAUVOIR, S. de. **Le Deuxième Sexe**, vol 2 L'Expérience vécue. Paris: Gallimard, 1949b.

BEAUVOIR, S. de. **Le sang des autres**. Paris: Gallimard, 1945.

D'AVILA, M. **Por que lutamos?** 1º ed. São Paulo: Planeta do Brasil Ltda, 2019.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.



FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TRABATTONI, F. **Platão**. São Paulo: Annablume, 2010.

TRIVIÑOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, J. G., FIALHO, L. M. F., LOPES, T. M. R. **Educação e Liberdade em Rousseau**, Educação & Formação, Fortaleza, v. 3, p. 210, mai./ago. 2018.

Recebido em: 02-08-2021

Aceito em: 08-09-2022

